

DOSSIÊ: PRODUÇÕES HISTORIOGRÁFICAS E INTELECTUAIS
SOBRE MULHERES E FEMINISMOS LATINO-AMERICANOS

Entre disputas e conquistas: a consolidação do campo de História das Mulheres na América Latina

Between disputes and conquests: the consolidation of the field of Women's History in Latin America

Marcela Boni Evangelista*

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Campinas, SP, Brasil.

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo discutir as ações e estratégias adotadas por pesquisadoras da História das Mulheres no que diz respeito à construção e à consolidação deste campo na América Latina. Para tanto, nos pautamos em entrevistas de história oral realizadas com duas historiadoras argentinas: Dora Barrancos e Mirta Zaida Lobato. Articulando suas narrativas com a produção historiográfica acerca do tema, pretendemos explorar as potencialidades e a criatividade que conduzem a História das Mulheres na América Latina.

PALAVRAS-CHAVE: História das Mulheres; História Oral; História Intelectual; América Latina; Gênero.

ABSTRACT: This article aims to discuss the actions and strategies adopted by researchers of Women's History with regard to the construction and consolidation of this field in Latin America. To this end, we draw on oral history interviews conducted with two Argentine historians: Dora Barrancos and Mirta Zaida Lobato. By articulating their narratives with the historiographical production on the subject, we intend to explore the potential and creativity that guide Women's History in Latin America.

KEYWORDS: Women's History; Oral History; Intellectual History; Latin America; Gender.

*E-mail: marcela.boni@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-0413-6231>

Introdução

Há uma constatação compartilhada e repetida de que existem resistências ao ingresso das mulheres nos espaços acadêmicos. A despeito disso, é inegável o avanço nesse sentido, tendo em vista a presença destas cada vez mais evidente e consistente, além da intensificação de sua produção intelectual. No presente artigo, pretendo tratar desse tema com atenção voltada para o campo da História, mais especificamente tendo como horizonte a História das Mulheres.

A ideia é discutir quais foram as ações e estratégias, conscientes ou não, adotadas pelas historiadoras para que houvesse a possibilidade de construção deste campo relativamente recente. Portanto, mais do que trazer à tona discursos reiterativos, a proposta é observar e analisar como a História das Mulheres se estabeleceu. Tendo em vista a amplitude do tema, nosso recorte será restrito à História das Mulheres na América Latina, ainda que haja diálogos permanentes entre este e outros espaços no que tange ao assunto em questão.

Para isso, tomaremos como fonte duas entrevistas realizadas com historiadoras argentinas: Dora Barrancos e Mirta Zaida Lobato. A metodologia utilizada teve como base os procedimentos da história oral, mais precisamente a história oral híbrida, uma vez que consideramos também documentos complementares para proceder à investigação.

O texto será organizado da seguinte forma: primeiramente, apresentaremos uma proposta de organização temporal da História das Mulheres em geral, e seu braço latino-americano em particular; tendo em vista a relevância da história oral para o trabalho, traçaremos as linhas que conectam a história oral e a História das Mulheres, destacando o potencial desta junção; ainda no âmbito da história oral, consideramos relevante trazer as particularidades do método aplicado à história de intelectuais, já que nossas entrevistadas são historiadoras profissionais e professoras universitárias, o que implica reconhecer, além de sua trajetória pessoal, a produção intelectual que a circunda; como parte central da reflexão, traremos os elementos extraídos das narrativas que indicam as maneiras como essas historiadoras percebem e vivem o contexto de criação e desenvolvimento da área de História das Mulheres e Gênero, para além dos aspectos que denotam os obstáculos que precisaram enfrentar; por fim, pretendemos apontar possibilidades de continuidade nesta análise, a partir do incremento de maior amplitude de fontes.

Uma história para a História das Mulheres

O surgimento do campo denominado História das Mulheres tem suas raízes nas décadas de 1960 e 1970, a depender do espaço em questão. Diretamente relacionado com o contexto político e social daquele período, trata-se de uma vertente que se desenvolveu no bojo dos acontecimentos que movimentavam as ruas naquelas décadas, como é o caso das independências afro-asiáticas, manifestações pelos direitos civis de pessoas negras nos Estados Unidos e, o que mais nos importa neste tópico, as ações do movimento feminista – àquela época bastante referido no singular.

É possível ainda inferir que tais movimentações protagonizadas por mulheres tiveram impacto no âmbito acadêmico de modo mais amplo, com a participação de feministas em diferentes áreas de conhecimento, como é o caso da Antropologia, da Sociologia, além da História, que nos interessa particularmente. De forma articulada, é perceptível neste momento o aumento do número de mulheres que acessa os espaços universitários e, ainda que nem todas se declarem ou identifiquem como feministas, esta mudança no perfil dos estudantes dos cursos tem desdobramentos que são significativos.

Portanto, trata-se de uma tendência observada em diferentes lugares, inicialmente sem sistematização nítida, mas que situa uma primeira fase, na qual pesquisadoras se voltam para estudos que têm

como foco a experiência de mulheres ao longo do tempo. Nesses primeiros anos, o que permite uma conexão entre os diferentes trabalhos é a pesquisa que busca construir narrativas que contam histórias de mulheres que se destacaram em seus contextos, principalmente quando envolvidas com assuntos políticos. Segundo Joan Scott:

Em uma das narrativas convencionais das origens deste campo, a política feminista é o ponto de partida. Esses relatos situam a origem do campo na década de 1960, quando as ativistas feministas reivindicavam uma história que estabelecesse heroínas, prova da atuação das mulheres, e também explicações sobre a opressão e inspiração para a ação. (Scott, 2011, p. 66).

De acordo com Carmen Ramos Escandón (2005), o primeiro momento da História das Mulheres foi assim descrito: “La necesidad de señalar su transparencia, de hacerlas presentes como sujetos históricos, fue una primera etapa, diríase de reivindicación, en donde la tarea central fue la de descubrir la especificidad de las mujeres”. Assim, surgem trabalhos que apresentam as mulheres na História, o que até então era algo secundário nas narrativas elaboradas.

Uma segunda etapa da História das Mulheres, que se expande desde a década de 1970, se distancia em alguma medida desta busca individual e passa a se debruçar sobre experiências coletivas, de grupos de mulheres que pertencem às diversas camadas da sociedade.

De nueva cuenta fueron los sectores académicos quienes señalaran la necesidad de enfocarse a las experiencias de las mujeres como colectividad en vez de apuntar la excepcionalidad o la victimización femenina. Había que señalar lo común, la cotidianeidad, no lo extraordinario de las vidas femeninas. (Escandón, 2005).

A partir dos anos 1980, assim como em outras áreas, o conceito de gênero passa a integrar o escopo das investigações que conduzem a História das Mulheres. A publicação de Joan Scott é um dos marcos importantes no reconhecimento da necessidade de ir além do âmbito descritivo da pesquisa histórica e traçar bases de ordem teórica, como foi proposto ao acenar a categoria “gênero” como “útil” aos estudos da área. A mesma autora assim se refere a esta fase do campo:

Finalmente (assim prossegue a trajetória), o desvio para o gênero na década de 1980 foi um rompimento definitivo com a política e propiciou a este campo conseguir o seu próprio espaço, pois gênero é um termo aparentemente neutro, desprovido de propósito ideológico imediato. A emergência da história das mulheres como um campo de estudos envolve, nesta interpretação, uma evolução do feminismo para as mulheres e daí para o gênero; ou seja, da política para a história especializada e daí para a análise. (Scott, 2011, p. 67).

Esta organização da História das Mulheres em diferentes fases também está associada à utilização de conceitos. Antes da popularização do conceito de gênero, a ampla utilização de “mulher” e “mulheres” pode ser atrelada aos distintos momentos deste processo. Segundo Joana Maria Pedro (2011), a década de 1960 seria o momento em que a categoria “mulher” se torna frequente; na década seguinte, diante da preocupação com a pluralidade existente entre as mulheres, este termo seria substituído por “mulheres”; por fim, ainda de modo insuficiente para abarcar todos os desafios das complexas experiências analisadas, a categoria de “gênero” seria sobreposta às demais, sobretudo a partir dos anos 1990. Tais considerações, entretanto, segundo a autora, teriam respaldo no movimento historiográfico em países do Norte global. Segundo Pedro:

Contudo, o que temos encontrado na historiografia de vários países do Cone Sul é, em primeiro lugar, a confirmação da existência de “ondas”, em que certas categorias emergem – muitas vezes com “atraso” em relação aos “centros emissores” – no campo historiográfico; em segundo lugar, que as novas categorias que surgem não fazem, no entanto, desaparecer as anteriores. Convivem lado a lado, em pleno século XXI. (Pedro, 2011, p. 271).

Podemos dizer, a partir disso, que o campo da História das Mulheres possui trajetória própria. Além de diferenças passíveis de serem identificadas entre espaços de produção de conhecimentos, interessa observar os pontos de diálogo. Neste caso, nos referimos principalmente à adoção de conceitos e categorias analíticas que, no que se refere à América Latina – especialmente no caso do Cone Sul – apresenta especificidades.

História das Mulheres e história oral: paralelas que se encontram

A história oral moderna tem sua origem na passagem da primeira para a segunda metade do século XX. Após o fim da Segunda Guerra Mundial, iniciativas realizadas na Universidade de Columbia começaram a registrar as experiências de pessoas que haviam passado pelo conflito de proporções nunca vistas até então. O mesmo se dava em relação a familiares de mortos na guerra, o que demonstrou interesse nas experiências de pessoas “comuns”. As possibilidades técnicas oferecidas pelo gravador de áudio potencializaram o desenvolvimento da história oral e o acúmulo de materiais gravados foi mote para a concomitante discussão sobre métodos que pudessem sistematizar esta nova prática.

Rapidamente, os projetos de história oral se espalharam por diversos países e, inclusive, na América Latina passaram a ter espaço cada vez mais evidente. Entretanto, as ditaduras estabelecidas em alguns países, como é o caso do Brasil, consistiram em uma espécie de interrupção do fluxo em andamento desta nova metodologia. Afinal, não é possível fazer história oral onde não há democracia.

Apesar dessas condições distintas para a realização de estudos com suporte da história oral, sua proposta metodológica passa a ser reconhecida como promissora para algumas áreas em particular. Este é o caso das pesquisas que lidavam com grupos marginalizados, sobretudo aqueles sem acesso à escrita ou cuja produção de registros escritos era dificultada. Pode-se dizer que as mulheres fazem parte desses grupos, principalmente as das classes menos favorecidas.

Além disso, na década de 1970, vemos também emergir uma abordagem que dialoga com tais possibilidades. Resultante de mudanças epistemológicas da História, a “história vista de baixo” é uma vertente que se apoia em procedimentos diversos, dentre os quais está a história oral, a qual por meio de entrevistas com pessoas de grupos vulnerabilizados, permitiria acessar experiências e pontos de vista que a documentação oficial não apresentava.

O que nos interessa de modo mais efetivo, contudo, é a articulação possível entre a história oral e a História das Mulheres, muitas vezes pensando em períodos ligados à contemporaneidade. Para Silvia Salvatici:

Desde seus primórdios, a história oral e a história das mulheres têm mostrado significativas similitudes em seus propósitos e objetivos, bem como em seus campos de interesse. Ambas foram produzidas (ao menos no que se refere à sua disseminação mais ampla) pelos movimentos sociais e políticos desenvolvidos a partir do final dos anos 1960. (Salvatici, 2005, p. 29).

Sendo estes campos em que o volume de fontes varia em forma e conteúdo, é perceptível a dificuldade em encontrar material que acesse aspectos subjetivos de experiências íntimas. Na década de 1980, quando ganha destaque a categoria de gênero para estudos históricos, havia pesquisadoras coletando e interpretando entrevistas realizadas com mulheres, ampliando o alcance da história oral de mulheres (Passerini, 2011).

No processo de integração entre a História e a história oral, o gênero teve uma função, mas não como categoria central e dominante. Seu papel foi aparentemente mais modesto, no sentido de que foi usado em sua forma verbal, *gendering*, que se poderia traduzir como “genderizar”, isto é, como uma operação para modificar ou redefinir as abordagens históricas existentes. Assim, em muitos casos, a história oral contribuiu fortemente com os esforços de “genderizar” a História. (Passerini, 2011, p. 99).

Assim, é possível estabelecer relações entre a História, a história oral e os estudos de gênero, em que a abordagem de história das mulheres aparece como potencial de análises empíricas e teóricas. As décadas seguintes ampliaram o escopo de tais investidas, revelando a necessidade de considerar as clivagens que singularizam diferentes grupos de mulheres. De acordo com Tedeschi:

Vale destacar também que o trabalho da história oral junto às mulheres resgata um nível de historicidade que comumente era conhecida através da versão produzida pela historiografia oficial. Na medida em que os depoimentos são gravados, transcritos e publicados, torna-se possível conhecer a própria visão que as mulheres têm de suas vidas e do mundo ao redor. (Tedeschi, 2014, p. 48).

História oral de mulheres “vista de cima”

Fala-se muito sobre a importância da história oral para promover estudos que se dedicam a grupos menos favorecidos, que não possuem a seu favor documentação escrita produzida por eles mesmos. Ou seja, com isso pretendemos deixar claro que a ausência de registros autorais ou estritamente escritos não é um impeditivo para a realização da pesquisa histórica. Principalmente quando consideramos períodos mais remotos, este recurso é até mesmo inviável. No entanto, o alargamento das possibilidades é um traço que merece distinção, principalmente para o caso das mulheres que não produziram seus próprios registros.

Nossa pesquisa, no entanto, tem um escopo bastante diferente. Nossas interlocutoras são não apenas mulheres de um grupo que podemos considerar “privilegiado” por fazer parte de um universo como o acadêmico, tão restrito à maior parte das pessoas. Mas, sobretudo, essas mulheres pesquisam e produzem conhecimentos que são referências para pensar o nosso objeto central, que é a própria História das Mulheres enquanto um campo específico de estudos. No que se refere à história da historiografia, assim se posiciona Maria da Glória de Oliveira:

A despeito de certa expressividade mais recente, não faltam evidências da escassez e da pouca centralidade dos estudos sobre historiadoras, a começar por obras de síntese importantes que propõem balanços bibliográficos sobre a vida e obra de nomes canônicos, predominantemente homens. (Oliveira, 2018, p. 108)

Ou seja, estamos lidando com uma proposta que se mostra relevante ao observar um espectro mais centralizado na história intelectual, a qual privilegia a produção realizada por homens. Falar sobre mulheres intelectuais significa abordar um grupo que ainda está desfalcado quando em comparação com os pares masculinos. No entanto, são mulheres que tiveram acesso à universidade e se mantiveram neste cenário como docentes e autoras de livros, artigos, entre outros materiais. Nesse sentido, a espécie de história oral que mais se adequa é a denominada híbrida (Meihsy; Holanda, 2007, p. 129), na qual “preza-se o poder da conversa, contatos ou diálogos com outros documentos, sejam iconográficos ou escritos como: historiográficos, filosóficos ou literários”. No caso do presente estudo, trata-se, sobretudo, do próprio material produzido pelas interlocutoras, como seus livros e artigos publicados. Nesse sentido, há também uma preocupação em lidar com a historiografia enquanto fonte.

Como a história oral pode contribuir para este tipo de pesquisa? A resposta nos é sugerida pela linha de história oral de pessoas públicas, cujas particularidades serão apontadas.

Ao se fazer história oral de pessoas públicas, deve-se ter em vista a necessidade de negociação dos discursos. Assim, na hora da preparação, bem como da formulação dos blocos de perguntas básicas, deve-se motivar a menção de aspectos da vida pessoal que possam ser combinados com os públicos. (Meihsy; Ribeiro, 2011, p. 117).

História das Mulheres para além dos obstáculos: desafios, conquistas e projeções

Iniciamos este texto afirmando que é conhecida a dificuldade que as mulheres enfrentam no mundo acadêmico, o que tem características particulares quando nos referimos à História. Apesar disso – e o que nos interessa de fato –, este campo surgiu a partir da década de 1960 e, desde então, tem ganhado vigor, tanto do ponto de vista de inserção das mulheres nos cursos de História quanto no aumento vertiginoso das pesquisas dedicadas à História das Mulheres e Estudos de Gênero. A este aumento, associamos o aprofundamento teórico e epistemológico que serve às historiadoras e aos historiadores que passaram a compor um grupo cada vez mais coeso em torno desta vertente.

O que nos interessa, portanto, é saber quais os caminhos percorridos para que esta condição se constituísse, ou seja, quais as estratégias e ações que permitiram que a História das Mulheres fosse não apenas realizada, mas reconhecida e ocupe cada vez mais espaços na Academia. Para isso, e circunscrevendo nossa atenção à América Latina, nos basearemos nas entrevistas realizadas com as historiadoras argentinas Dora Barrancos e Mirta Zaida Lobato.

A entrevista com Dora Barrancos foi realizada no dia 04 de julho de 2022 por meio da plataforma Google Meet. Já o registro com Mirta Zaida Lobato foi feito no dia 21 de março de 2023 nas dependências do Departamento de História da Universidade de São Paulo.

Em linhas gerais, podemos perceber que são duas historiadoras com características singulares em sua relação com os objetos de pesquisa e o campo da História, provavelmente algo que pode ser explicado pelas trajetórias individuais e profissionais que cada qual percorreu. No entanto, fazerem parte de uma mesma geração e um mesmo país nos oferece um cenário comum, a partir do qual conseguimos extrair convergências que podem indicar algumas possíveis respostas aos nossos questionamentos.

Um primeiro elemento diz respeito à importância conferida à História Social como suporte necessário para o surgimento e desenvolvimento da História das Mulheres. Este ponto é também notado em diversos outros textos que discorrem sobre o assunto. Para Dora Barrancos (comunicação oral, 2022):

E, na verdade, era uma questão, a do Brasil, de uma relativa, talvez mais rápida, implantação de estudos sobre as mulheres nas universidades, é uma hipótese, que, por exemplo, o que aconteceu na Argentina? Na Argentina demora um pouco mais, porque a Argentina passa por uma brutal ditadura, se reestrutura todo o sistema universitário. O Brasil não passa, tem ditadura, mas não passa por um traumatismo tão severo, em termos universitários. Então, há uma certa continuidade. Muito pródiga. Eu tenho, para mim, certa hipótese, que uma vez lancei em um colóquio muito bonito de Espanha, de História das Mulheres, que fui convidada como conferencista no País Basco, na Associação Española de Historia das Mulheres, e disse o seguinte, que onde há uma raiz importante de uma história social, a história social, em geral, tem uma raiz relacionada com o marxismo, não sempre, mas tem uma certa raiz, é uma boa germinação de uma história das mulheres. Onde há uma raiz de história social, pôde-se enraizar mais rapidamente uma historiografia das mulheres.

Esta proposição que conecta a História das Mulheres à História Social é também mencionada por Joan Scott:

A existência do campo relativamente novo da história social proporcionou um importante veículo para a história das mulheres; a associação de um novo tópico com um novo conjunto de abordagens enfatizou a reivindicação da importância, ou pelo menos a legitimidade do estudo das mulheres. (Scott, 2011, p. 84).

Dessa forma, nos lugares onde a História Social teve maior destaque, também a História das Mulheres avançou. No entanto, este fator não seria suficiente para compreender todo um complexo arranjo de fatores. Por meio das entrevistas que nos servem como fonte, a compreensão sobre o desenvolvimento do campo da História das Mulheres tem como ingrediente fundamental os diálogos entre as pesquisadoras, que compartilham referências em comum e se tornam reciprocamente referências umas das outras.

Tais vínculos acabam sendo reforçados por iniciativas coletivas, tais como publicações, realização de eventos, criação de grupos de pesquisa, convites para conferências, participações em cursos, criação de periódicos, além do oferecimento de disciplinas onde há possibilidades de divulgação da produção na área. Mirta Zaida Lobato relata algo nesse sentido no contexto argentino, quando da criação do “Instituto de Gênero”, do qual também fez parte Dora Barrancos (comunicação oral, 2022):

:

No fim dos anos 90 surge como Instituto de Gênero, porque antes éramos áreas de estudos da Mulher. Porque a universidade, e sobretudo as autoridades da Faculdade de Filosofia e Letras, não queriam um instituto de mulheres. Na estrutura da universidade estão as disciplinas tal como aparecem nesta universidade também: História Antiga, História Medieval, História Moderna, História Latino-Americana e Argentina, mas é História. O que nós fizemos no Instituto de Gênero: um grupo grande foi mobilizado para a criação do instituto, porque já tínhamos um lugar na nossa própria disciplina, então foi a interdisciplinaridade que ajudou. Juntamos todas as carreiras que tinham investigação na área, o que foi problemático, porque não estava dentro da tradição da faculdade, nem mesmo da universidade. Mas isso é política acadêmica... De qualquer forma, conseguimos a edição de uma revista, que se chama Mora e está disponível online. Eu estive no primeiro comitê editorial da revista, no processo de formação, junto com outras colegas, como Dora Barrancos. Dora não estava como professora na

Faculdade de Filosofia e Letras quando se fez o primeiro concurso para a direção do Instituto, que foi ela quem ganhou e teve dois períodos como diretora.

A partir deste relato é possível perceber as conexões estabelecidas tanto entre as historiadoras quanto destas com pesquisadoras de outras áreas, o que também pode ser visto como elemento que reforça o campo da História das Mulheres. A criação do Instituto de Gênero na Argentina, por sua vez, encontra paralelos importantes em diversos países latino-americanos, bem como de outras regiões, e configura um apoio relevante para a sustentação de atividades em torno das pesquisas sobre mulheres e gênero. A criação de uma revista acrescenta a este conjunto de elementos uma espécie de incentivador não apenas à pesquisa, mas a sua publicação e difusão.

É ainda digno de nota a preocupação compartilhada com as futuras gerações. Desta maneira, são profissionais que se dedicam não somente à pesquisa, mas também à formação, o que se revela em seu envolvimento com a docência, com destaque para as orientações de trabalhos acadêmicos em diferentes níveis. De acordo com Barrancos (comunicação oral, 2022):

Na Argentina, hoje há uma tal prodigalidade de trabalhos historiográficos, muitas foram discípulas, mas, bem, foram muitas formadoras. Eu tive a sorte, eu tenho 22 alunas de doutorado, então isso mostra, enfim. Mas, desculpe, eu não fui a única, de nenhuma forma. É verdade que houve, mas hoje em dia temos discípulos que nos superam. Eu, para mim, acho que é assim, não é? Temos um conjunto de discípulos que estão extraordinariamente à frente.

Essas historiadoras fazem parte de um grupo que esteve envolvido com o início do desenvolvimento da História das Mulheres, vivenciando os desafios que marcaram o início desta jornada, mas também experimentando as conquistas articuladas coletivamente. É enfatizada por elas a relevância dos esforços coletivos, de maneira que a continuidade e a ampliação dos estudos nesta área de conhecimentos dependem fortemente de seu trabalho formativo. Assim, por meio da docência torna-se possível não apenas deixar um legado materializado nas produções que ficam para o futuro, mas principalmente é onde se formam as novas historiadoras das mulheres e gênero na América Latina.

Por fim, elemento que atravessa esta questão, é o envolvimento com o feminismo. Afinal, há compatibilidade entre a produção acadêmica e a militância ou o posicionamento político? Neste ponto, nos parece que há algumas distinções entre a trajetória de Dora e Mirta. Enquanto Dora equilibra de forma mais nítida sua produção intelectual e o envolvimento político, vemos em Mirta uma maior separação entre os dois âmbitos.

Nas palavras de Dora, assim se deu sua aproximação com o feminismo: “Me encontrei com o feminismo, eu disse tantas vezes, mas vale a pena que agora mesmo me lembre. Foi a propósito da circunstância do feminicídio, hoje chamamos de feminicídio, de Ângela Diniz”. À época, nossa entrevistada vivia no Brasil, buscando refúgio em função da ditadura na Argentina. Ao saber do caso em questão e a discussão sobre “legítima defesa da honra”, teria despertado esse lado mais combativo característico do feminismo, o qual ela manteve em seus estudos e atuação profissional e política.

No caso de Mirta Zaida, a relação com o feminismo é descrita de forma diferente:

Eu sou uma feminista, desde novinha, desde que saí da minha cidade e fui para Buenos Aires, aproximei com os movimentos mais militantes, mas também acho que a militância política, em qualquer caso, ocorre em diferentes lugares e com diferentes formas. Por exemplo, tudo o que eu faço na universidade, para mim, é militância, porque eu coloco os temas de gênero, coloco os debates políticos, participo de projetos institucionais, para mim, parece-me que na universidade são projetos acadêmicos, mas que estão intimamente

informados pela política, e nesse sentido, sim, eu sou feminista. Agora, ser militante, essa é a pergunta, o que é ser militante? Ser militante é sair à rua? Eu saio à rua, “ni una a menos”, por aborto legal, mas como eu posso dizer? Para mim, não sei, é quase pudor. Parece-me que no campo da docência e da pesquisa, você tem que colocar os temas de forma acadêmica, e que não deve importar tanto, se eu sou militante ou não, do movimento feminista, porque isso te leva à impugnação do que você está fazendo. E isso também acontece com o movimento operário e com os partidos políticos. (Lobato, comunicação oral, 2023).

A separação entre a atividade profissional e a atuação militante é algo caro a nossa interlocutora, para quem o universo acadêmico deve ser pautado por regras e rigores que estão além dos impulsos ativistas. Este ponto também pode sugerir uma forma mais consistente de garantir o espaço conquistado em um campo que, como foi mencionado em tantos momentos, é marcado por disputas e onde os resultados de pesquisas podem ser colocados à prova se forem identificados fora dos padrões intelectuais estabelecidos. É interessante notar que são duas maneiras possíveis de atuar no âmbito da História das Mulheres, conciliando de formas particulares o envolvimento político e com a militância.

Considerações finais

Este texto tem como objetivo refletir sobre o surgimento e a consolidação do campo da História das Mulheres na América Latina a partir de uma abordagem que pretende ir além dos discursos reiterados de que existem dificuldades, obstáculos e resistências para a aceitação dos estudos sobre mulheres na historiografia. Dessa forma, voltamo-nos para as ações e estratégias utilizadas pelas historiadoras para avançar na construção deste campo.

A partir de entrevistas realizadas com duas historiadoras argentinas, procuramos extrair os elementos convergentes que denotam tais investidas, além das singularidades de suas experiências. Além disso, buscamos estabelecer diálogos com a bibliografia que ampara tal discussão.

Em um primeiro momento, foi possível verificar que a introdução da História das Mulheres está associada ao desenvolvimento da História Social. Portanto, nos países onde esta última floresceu, também houve maior espaço para os estudos que centralizam as mulheres no tempo. No entanto, não basta ter este amparo epistemológico, é necessário um conjunto de ações articuladas para que a História das Mulheres conquiste e mantenha seu espaço na universidade.

Destacamos a fundação de grupos, institutos, laboratórios que reúnem pesquisadores e pesquisadoras em torno de objetivos e parâmetros comuns, como é o caso do “Instituto de Gênero” na Argentina, do qual fizeram parte da criação nossas entrevistadas. Ainda no âmbito desses espaços, a criação de periódicos é aspecto que confirma a iniciativa e amplia o alcance da produção, promovendo sua circulação. Outras ações coletivas reforçam os contornos desse cenário, tais como a realização de eventos, convites para conferências e oferta de cursos em outros países, parcerias entre centros de estudos, além do compartilhamento de referências, o que realça objetivos comuns.

Tais ações animam o contexto atual, mas não garantem a manutenção do campo, o que somente é alcançado quando se pensa nas novas gerações de estudantes. Nesse sentido, o compromisso com a docência e a orientação de pesquisas de iniciação científica, mestrado e doutorado configuram um propósito ampliado, o qual se mostra promissor à medida em que observamos o crescimento dos trabalhos dedicados à História das Mulheres e gênero.

Temos conquistas substanciais, mas os desafios ainda são muitos. Um deles pode ser pensado a partir da ainda incipiente presença de mulheres no âmbito da História Intelectual, tanto como

pesquisadoras quanto como “objetos” de estudos, como afirma Maria da Glória de Oliveira (2018). Uma possibilidade, segundo Hilda Smith seria:

How, then, do women's historians create interest in women's intellectual life, while still representing their daily lives within the family and at work? I am not sure we are at a place yet where we can answer that question, but I hope our ultimate solution will include a legitimate role for the operation of women's minds in the past and their intellectual contributions to their age without characterizing intellectual movements as excluding the voices of women thinkers. (Smith, 2007).

Concordamos com Smith no que diz respeito às formas como podemos lidar com este desafio, entre outros. Afinal, são as perguntas que fazemos às fontes e as abordagens que destinamos às pesquisas que permitem descortinar aspectos pouco contemplados pela historiografia. Dessa forma, acreditamos que nossos esforços em conhecer as trajetórias de historiadoras de História das Mulheres na América Latina é uma maneira de ir além dos muros que barram sua dimensão intelectual.

Referências

- ESCANDÓN, Carmen Ramos. La historiografía sobre la mujer y el género en la historiografía mexicana reciente. In: *Revista História de las mujeres*, Ano VI, n. 64. Lima: 2005.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. *Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias*. São Paulo: Contexto, 2011.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.
- OLIVEIRA, Maria da Glória. Os sons do silêncio: interpelações decoloniais à História da Historiografia. *História da Historiografia*, v. 11, n. 28, 2018.
- PASSERINI, Luisa. *A memória entre a política e a emoção*. São Paulo: Letra e Voz, 2011.
- PEDRO, Joana Maria. Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. *Topoi*, v. 12, n. 22, 2011.
- SALVATICI, Silvia. Memórias de gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres. *História Oral*, v. 8, n. 1, 2005.
- SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter. *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 65-98.
- SMITH, Hilda. Women Intellectuals and Intellectual History: their paradigmatic separation. *Women History Review*, v. 16, n. 3, p. 353-368, 2007.
- TEDESCHI, Losandro Antonio. *Alguns apontamentos sobre história oral, gênero e história das mulheres*. Dourados: Editora UFGD, 2014.

Entrevistas

- BARRANCOS, Dora. Entrevista realizada pela plataforma Google Meet. São Paulo, 04 de julho de 2022.
- LOBATO, Mirta Zaida. Entrevista realizada presencialmente. São Paulo, 21 de março de 2023.

Submetido em: 28/02/2025
Aceito em: 20/08/2025